



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CRENÇAS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA: UMA ANÁLISE DOS ESTUDANTES INGRESSANTES NO IFMT EM 2015

Wesley Alves Siqueira; Wanderson Renato Moraes da Silva; Matheus Eduardo dos Santos Cavalcante

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso / E-mail: wesley.siqueira@pdl.ifmt.edu.br, wandersonrenato2014@gmail.com, matheusedusantos13@gmail.com

Resumo: O presente trabalho, fruto do projeto de pesquisa “Crenças sobre o ensino de inglês na escola pública”, aprovado no Edital 046/2015 PROPES/IFMT, objetiva compreender a concepção que os estudantes do IFMT, *campus* Primavera do Leste, das turmas ingressantes dos anos de 2015, têm em relação ao ensino de língua estrangeira: inglês na escola pública. Para isso, foi aplicado um questionário aos estudantes a fim de que expusessem suas compreensões sobre o ensino de línguas. Entrevistas também foram realizadas para compreender o fenômeno. Logo após foi realizada uma análise dos dados coletados à luz do campo teórico que disserta sobre o assunto.

Palavras-Chave: Crenças, Ensino, Escola Pública.

INTRODUÇÃO

“É preciso ir para o exterior para se aprender inglês” e/ou “ Não se aprende inglês no curso de Letras ou na escola pública, mas nos cursinhos”. (CARVALHO, 2000; SILVA, L. 2001; BARCELOS, 1995; SILVA, K., 2005 *apud* BARCELOS, 2007). É com estas crenças sobre o aprendizado de uma língua estrangeira, no caso específico do inglês, que iniciamos nosso trabalho. Em diversas pesquisas esses apontamentos acabam sendo os mais comuns quando se fala de escola pública e o ensino de idiomas no Brasil. Falamos do interior do Estado de Mato Grosso, município de Primavera do Leste. Tratamos neste trabalho das crenças sobre o ensino de idiomas de estudantes do ensino médio ingressantes na instituição a qual estamos vinculados.

O município de Primavera do Leste foi contemplado com a implantação de um *campus* do IFMT na III fase da Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, anunciada no ano de 2011. Expansão que previa ao seu término o funcionamento de 578 unidades educacionais, saindo assim das 140 já instaladas até o ano de 2002. Foram previstas, segundo informações do Ministério da Educação, 208 novas escolas. É neste cenário, ao qual a nossa escola se insere, que se dá o *lócus* da pesquisa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Articulado no eixo de tecnologia, o *campus* organizou a proposta de seus cursos na área de Eletrotécnica, Eletromecânica, Logística, Informática e Engenharia. Nestes cursos, a presença das disciplinas de Línguas Estrangeiras Modernas se fez de essencial importância. Primeiro, para o atendimento às diretrizes nacionais que regem o ensino no Brasil; segundo, para a formação profissional dos estudantes e atendimento às demandas do mundo do trabalho no que diz respeito à comunicação e o próprio fazer das áreas; e por fim, em terceiro, ao incipiente movimento de internacionalização da rede com vistas a produção e publicização de conhecimento e também mobilidade acadêmica para fins de intercâmbio de saberes.

Frente a esses desafios, a compreensão de crenças sobre o aprendizado de uma língua estrangeira se torna ponto inicial para a definição curricular e trabalhos a serem desenvolvidos no âmbito do ensino na instituição.

CRENÇAS SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

São várias as concepções acerca do termo crenças. Para Borg¹ tem-se na compreensão deste, a intenção de se referir ao que as pessoas pensam, acreditam e sabem sobre o processo de ensinar línguas. Em Barcelos² temos um entendimento que se assemelha também ao de Dewey de que crenças são “uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação”. Já Krueger³ conceitua crenças como “representações mentais presentes em nossa subjetividade, exercendo influência em nossa existência pessoal e vida coletiva”. Conceituações que se aproximam e que estabelecem diálogos possíveis; apresentam-se, por vezes, como complementação de outras definições, a fim de abarcar ao máximo o que o termo possa representar. A respeito dessa diversidade, vale salientar, em todo caso, a complexidade do conceito, visto que ele abrange vários outros termos que foram antes utilizados na literatura específica, como: representação dos aprendizes; filosofia de aprendizagem de línguas; conhecimento metacognitivo; cultura de aprender línguas; atitudes; valores; julgamentos; axiomas; opiniões; ideologia; percepções; conceituações; sistema conceitual; pré-conceituações; disposições; teorias implícitas; teorias explícitas; teorias pessoais; processo mental interno; estratégia de ação;

¹ Barcelos apud Borg. (in) BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-42, 2006.

² Ibidem.

³ KRUGER, H. R. Ação e crenças. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 45 (3 e 4), p. 3-11, 1993.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

regras de prática; princípios práticos; perspectivas; repertórios de compreensão; estratégia social; teorias populares; conhecimento prático pessoal; perspectiva; teoria prática; construções pessoais; epistemologias; modos pessoais de entender; metáforas; entre outros, que representam o que Woods chama de “floresta terminológica”⁴.

Quais as considerações até então apresentadas sobre a justificativa de se investigar as crenças e concepções de aprendizes? Partindo de um pressuposto sócio interacional, admite-se, em grande parte das recentes pesquisas, a importância da interação dos indivíduos na construção do conhecimento. Por este viés, crê-se na possibilidade da intervenção como mediadora de conhecimento e, se possível, para intervir é necessário que se conheça o terreno por onde se queira passar, por isso conhecer as crenças. Temos em Cotterall apud Barcelos⁵ a compreensão da “experiência anterior de aprendizagem exercendo um papel crucial no desenvolvimento de crenças quanto na percepção que aluno tem de si em mesmo”; em Kern apud Barcelos⁶ a ideia de que “o maior conhecimento sobre as noções preconcebidas dos alunos sobre a aprendizagem de LE pode ajudar a prevenir os conflitos de expectativas que podem levar à frustração”; em Weden apud Barcelos⁷ a “experiência educacional, [...], pode fazer com que alguns alunos encarem o estudo de línguas de maneira semelhante ao estudo de biologia e história, por exemplo, ou de esperar a aprender toda a língua em pouco tempo”. Justificar-se-á, portanto, a necessidade da compreensão do que pensam aprendizes e professores sobre o processo de ensino de línguas pela necessidade de se entender as ações e comportamentos dos mesmos. Mas por quê?

Há nos estudos sobre as crenças sobre aprendizagem de línguas três grandes abordagens que compreendem o entendimento acerca do conceito, são elas: a normativa, a cognitiva e a contextual. Têm-se no entendimento da primeira o fator norma, aquilo que determina o que é o bom ou o correto, etc. É, portanto, nesta visão, compreendido como crenças as “noções preconcebidas, mitos e concepções errôneas⁸”. A segunda, apresenta um primeiro passo ao distanciamento do normativo, estabelece-se nos estudos que tem como abordagem a noção cognitiva a compreensão de crenças como “conhecimento estável, algumas vezes falível, que os aprendizes têm acerca da aprendizagem

⁴ WOODS, D. Processes in ESL reading: a study of the role of planning and interpretive processes in the practice of teaching English as a second language. *Carleton Papers in Applied Language Studies. Occasional Papers*, 3. Ottawa: Carleton University, 1993.

⁵ BARCELOS, A. M. F. A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos do curso de Letras. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *O professor de língua estrangeira em formação*. 1a Ed. Campinas: Pontes, v. , p. 157-178, 1999.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ BARCELOS, A. M. F. Researching beliefs about SLA: A critical review. In: P. KALAJA e A. M. F. BARCELOS (eds.), *Beliefs about SLA: New Research Approaches*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 2003, p.7-33.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de línguas⁹” e que influenciam diretamente no processo de ensino de línguas (em grande parte, ensino autônomo). Salienta-se que ambas se apresentam com o aspecto cognitivo muito forte, estabelecendo a condição de estabilidade e imutabilidade daquilo em que se acredita¹⁰, certo ou errado, e, se cognitivas, são do indivíduo. Já, em estudos mais recentes, é incorporado ao que se entende sobre a terminologia o fator contextual, em que as práticas sociais dos indivíduos passam a ser também avaliadas como substrato do que se concebe como crenças, isto é, têm-se a crença como “parte da cultura de aprendizagem e representações da aprendizagem de línguas numa dada sociedade¹¹”.

Compreender o que pensam e como pensam os estudantes, apresenta-se como passo essencial na compreensão do fenômeno escolar no que diz respeito ao ensino de línguas. E mais, pode ser o passo inicial para transformações de crenças, mais do que isso, passo para a desconstrução daquelas que relacionam o ensino diretamente ao fracasso.

METODOLOGIA

O trabalho foi organizado com levantamento bibliográfico sobre a temática e estabelecimento das definições conceituais que tangem ao assunto. Em seguida, em dezembro de 2015, foi elaborado questionário para o procedimento de entrevistas e identificação das crenças dos estudantes. Definido ainda na época da elaboração do projeto de pesquisa ao qual este trabalho é fruto, foi definido como sujeito de pesquisa os estudantes das turmas ingressantes no ano de 2015 no IFMT *campus* Primavera do Leste. O instrumento elaborado possui 9 perguntas, sendo 4 de identificação e 5 perguntas sobre o aprendizado de inglês. Para a identificação dos estudantes foram solicitados dados como nome, turma, sexo e idade, a fim de executar a análise em/por diferentes grupos/categorias (como, por exemplo: sexo e idade) e facilitar o processo de assinatura dos termos de consentimento, por se tratar, na sua maioria, estudante menores de idade. Conforme prevê o Comitê de Ética na Pesquisa, o nome dos estudantes não será utilizado para publicação de dados.

Nas perguntas direcionadas a compreensão das crenças sobre o aprendizado de inglês tivemos: (A) Você tem vontade de aprender uma língua estrangeira?; (B) Você acha que é possível aprender uma língua estrangeira na escola pública?; (C) Liste os motivos contrários ou favoráveis

⁹ Ibidem.

¹⁰ Muito embora se possa reconhecer e compreender a forma de como pesamos os nossos processos de aprendizagem. Vide a abordagem metacognitiva: que busca oferecer a oportunidade para o aluno refletir sobre suas experiências.

¹¹ Ibidem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ao aprendizado de uma língua estrangeira na escola pública; (D) Qual a diferença entre aprender uma língua estrangeira na escola pública ou em cursinhos particulares?; (E) O que se pode fazer para mudar o aprendizado de línguas estrangeiras nas escolas públicas?; a ideia era identificar o interesse dos estudantes em aprender uma língua estrangeira e se esse processo é possível dentro da escola pública. Os estudantes, com base em suas experiências, responderam a essas indagações e exemplificaram através de suas trajetórias aquilo que eles acreditam, e, por fim, foi solicitado sugestões para mudar o processo.

Para a aplicação deste questionário foi utilizado o Google Drive Formulário (Google Forms), que é um mecanismo de construção de formulários para pesquisa, enquetes, informações de contato.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a condução dos trabalhos, foram entrevistados 65% dos estudantes do Ensino Médio Integrado do IFMT – *campus* Primavera do Leste ingressantes no ano de 2015.

Com idades entre 14 e 19 anos, 97% dos estudantes disseram ter vontade em aprender uma língua estrangeira. Contudo, quando adentramos a porcentagem sobre a possibilidade do aprendizado ocorrer no espaço da escola pública, 54%, a maioria, dizem não acreditar nesta possibilidade.

Gráfico 1- Motivos contrários ou favoráveis ao aprendizado de uma língua estrangeira na escola pública.





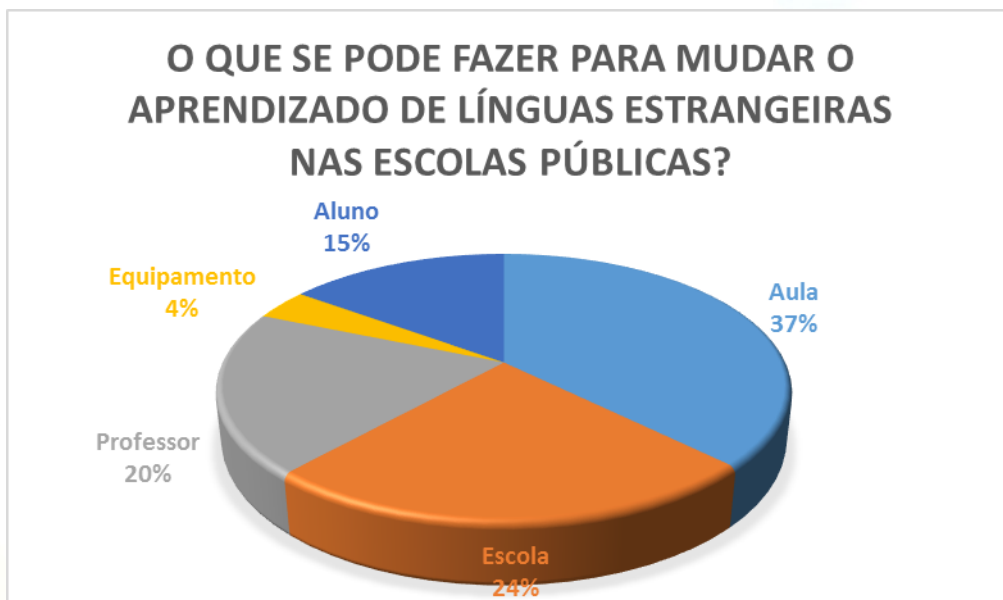
III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Dentre os motivos apresentados para o insucesso ou fracasso do ensino de uma LE na escola pública estão: a qualificação dos professores; o tempo de aula; a metodologia de ensino; a necessidade de mudança nas grades curriculares; motivação dos estudantes acerca da necessidade do aprendizado; comprometimento dos estudantes; e, a necessidade de investimento no ensino de LE's.

O cenário apresentado pelos estudantes no que tange aos fatores relacionados à aprendizagem nos diz, de certo modo, como tem sido a experiência destes estudantes no que concerne a aprendizagem de uma língua estrangeira: tempo curto de aula geralmente conduzido por professor não fluente no idioma.

Gráfico 2- O que se pode fazer para mudar o aprendizado de línguas estrangeiras nas escolas públicas?



Quando indagados sobre como proceder para uma mudança no quadro pintado por eles a partir de suas experiências, encontramos o fator aula e suas variáveis em destaque. Neste ponto, os estudantes discutiram e apontaram a necessidade de se (re)pensar a carga horária das disciplinas e a metodologia da condução dos trabalhos. Uma possível mudança neste fator pode ser o início da construção de um processo de ensino-aprendizagem exitoso. Outro destaque que precisa ser dado é o apontamento avaliativo implícito nas respostas referentes às escolas do município. Os entrevistados acreditam que a escola é definidora para que a aprendizagem ocorra, isto é, apontam que há escolas em que a qualidade de ensino é qualificada como melhor que outras, o que culmina

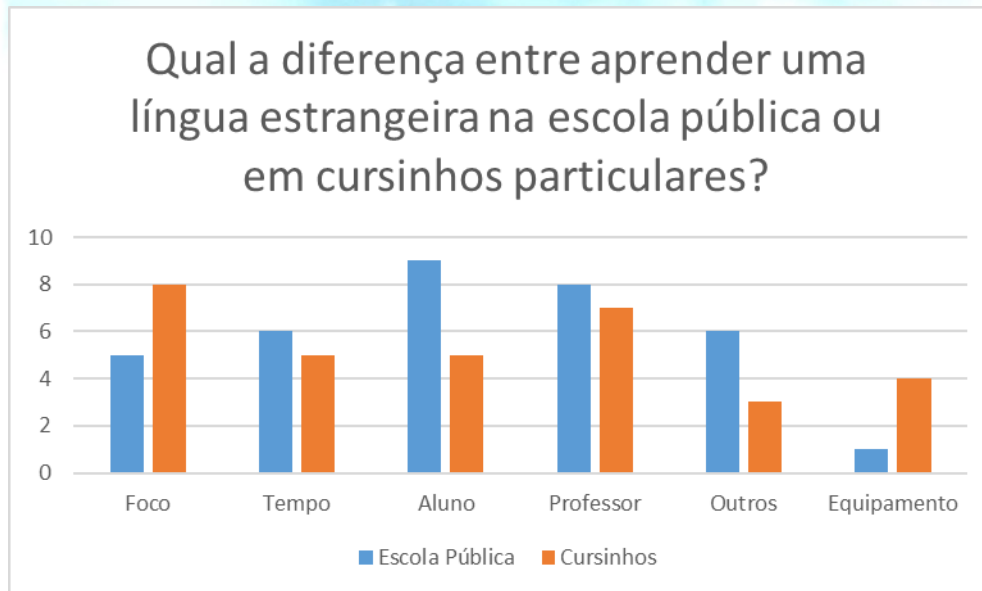


III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

na possibilidade de que aprendizado ocorra. Professores qualificados, empenho dos estudantes e equipamentos para ensino também foram fatores apontados.

Gráfico 3- Qual a diferença entre aprender uma língua estrangeira na escola pública ou em cursinhos particulares?



Pensando o espaço como responsável também pela aprendizagem, conversamos com os estudantes sobre as diferenças entre o ensino na escola pública (pensado a partir de suas experiências) e os cursos particulares de idiomas (pensados a partir daquilo que escutam e/ou imaginam, uma vez que grande parte deles nunca estiveram neste espaço, ou de próprias experiências). As categorias apontadas para pensar as diferenças foram: foco, tempo, aluno, professor, equipamento. Neste sentido, foco, por exemplo, foi pensado como melhor assegurado nos cursinhos já que há interesse e motivação dos estudantes para o aprendizado. Em relação ao tempo, foi pontuado a maior carga horária efetiva de estudo do idioma-alvo no curso particular. Associando tempo aos apontamentos relacionados ao professor, tem-se a crença do maior comprometimento educativo (em termos de ensino da língua em estudo) fora do espaço público, como pontuaram vários estudantes fora da escola pública as aulas não são interrompidas para avisos, festas e afins. Por fim, cabe o destaque aos apontamentos relacionados a equipamento. Há a compreensão, por parte dos estudantes, que materiais alternativos / elaborados para o ensino de idiomas são tecnologias compradas e de uso no espaço privado. Mais do que pensar o som, a televisão, o computador, equipamento esteve relacionado aos *flash cards*, materiais fotocopiados, jogos etc.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AGRADECIMENTO

Agradecemos ao apoio institucional do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de Mato Grosso, através de disponibilidade de auxílio financeiro ao pesquisador e de bolsas de Iniciação Científica da Pró – Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFMT (PROPES/IFMT).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barcelos apud Borg. (in) BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-42, 2006.

BARCELOS, A. M. F. A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos do curso de Letras. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *O professor de língua estrangeira em formação*. 1a Ed. Campinas: Pontes, v. , p. 157-178, 1999.

BARCELOS, A. M. F. Researching beliefs about SLA: A critical review. In: P. KALAJA e A. M. F. BARCELOS (eds.), *Beliefs about SLA: New Research Approaches*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 2003, p.7-33.

BRASIL. Ministério da Educação. *Expansão da Federal*. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em 15 de ago. De 2016.

KRUGER, H. R. Ação e crenças. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 45 (3 e 4), p. 3-11, 1993.

WOODS, D. Processes in ESL reading: a study of the role of planning and interpretive processes in the practice of teaching English as a second language. *Carleton Papers in Applied Language Studies. Occasional Papers*, 3. Ottawa: Carleton University, 1993.